

Brasil, país de inovadores

Roberto Mangabeira Unger

A fonte maior da prosperidade é a reunião da capacidade de inovar com a capacidade de cooperar. Enriquecem os países quando desenvolvem práticas e instituições que reconciliam melhor esses dois imperativos. É nesse mesmo solo que vicejam as democracias: o hábito de cooperar para inovar dissolve pouco a pouco hierarquias e preconceitos. E dá poder ao homem e à mulher comuns.

Falta ao debate econômico brasileiro o tema mais importante: a arte de trabalhar em equipe para imaginar e para criar o novo. Esse é o elemento decisivo nessa caixa-preta que os economistas chamam aumento de produtividade. Temos como dar grande salto no fortalecimento da nossa capacidade cooperativa e inovadora se soubermos aproveitar e combinar duas oportunidades.

A primeira oportunidade vem de fora, do mundo. É o surgimento nas sociedades contemporâneas de um conjunto de práticas que permite aliança mais íntima entre a cooperação e a inovação. Organizações pouco hierárquicas que atenuam os contrastes entre tarefas de supervisão e de execução, métodos para aprender fazendo, arranjos que combinam cooperação com concorrência, redefinição permanente de produtos e processos à luz das oportunidades que se vão revelando na prática -- tudo isso faz parte de uma aceleração do experimentalismo. O sentido da tecnologia nessa cultura é encarnar em máquinas tudo o que se possa repetir. E permitir que a inteligência se desloque para a fronteira do novo, ainda não suscetível de repetição.

O problema é que essa transformação ocorre em pequenas ilhas sociais de privilégio e de conhecimento. Só pode difundir-se por um esforço que tem de ser coletivo e público mas que não deve degenerar em dirigismo estatal.

A outra oportunidade vem de dentro, do Brasil. É o vigor da nossa nova cultura de iniciativa, reforçado pela flexibilidade do nosso trabalhador. Nenhum país, inclusive os Estados Unidos, conta com parte maior de sua população engajada em tentativas de empreendimento do que o Brasil.

O que falta para juntar essas duas oportunidades, a que vem de fora e a que vem de dentro, tornando o Brasil um país de inovadores? Falta reunir três iniciativas.

Em primeiro lugar, diminuir nossa dependência de financiamento externo, que periodicamente interrompe o crescimento da economia brasileira, tornando inacessível o crédito. A solução tem muitos aspectos. O mais importante de todos é a mobilização da poupança de longo prazo para o investimento de longo prazo.

Em segundo lugar, avançar na disponibilidade do ensino público de qualidade. Não basta investir mais em escola e professor. É preciso abandonar o

enciclopedismo informativo em favor do cultivo das capacidades de analisar as idéias e de usar o conhecimento. Formar inovadores. Colocar a imaginação no trono do saber.

Em terceiro lugar, dar voz e vez a nossa cultura empreendedora emergente. O que significa rejeitar a escolha entre o modelo americano de um Estado que apenas regula as empresas à distância e o modelo asiático de um Estado que impõe de cima políticas industriais. E forjar uma parceria descentralizada entre governos e empreendedores, voltada para a ampliação do acesso ao crédito, à tecnologia e ao conhecimento. Obra de país de inovadores, como será o nosso.

Roberto Mangabeira Unger escreve às terças-feiras nessa coluna.